

RECANTO

A MAIOR INVASÃO DO DISTRITO
FEDERAL JÁ TEM TRÊS MIL BARRACOS
E É MAIOR QUE DA ESTRUTURAL

DOS INVASORES

Rovênia Amorim
Da equipe do **Correio**

Começa mais um dia na invasão. Um dia tranqüilo. No começo do ano, não era assim. Um enxame de gente desesperada carregava madeirite pelas ruas esburacadas. Em todo canto, ouvia-se barulho de martelo e serrote. A invasão crescia e a luta para garantir um lote no meio da área verde era desonesta. De noite, roubava-se madeirite e telhas dos barracos vazios em construção.

Hoje, não há mais isso. A invasão acomodou-se. Quase ninguém mais chega. Os roubos pararam. Os fiscais da Administração Regional não aparecem. Não se ouve mais o repetitivo aviso de que todos terão de sair. Parece que os invasores foram esquecidos.

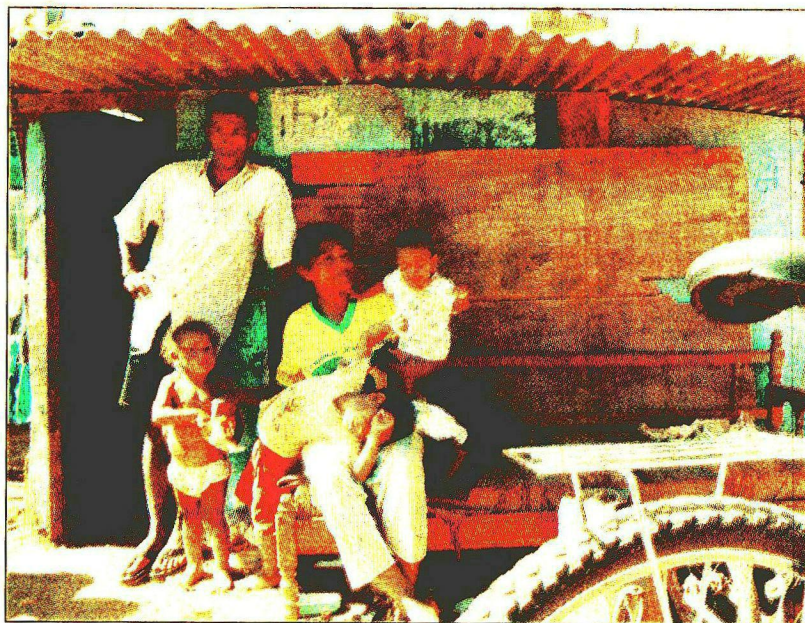
Já se vão cinco meses desde que a invasão no Recanto das Emas assustava o governo. Para conter a migração, funcionários do Instituto de Desenvolvimento Habitacional (Idhab) numeraram barracos. O governador foi até lá e apelou para que os invasores não deixassem outros chegarem. Não deu certo. E a promessa de atender a todos que se enquadrassem nos critérios da política habitacional só fez a migração aumentar.

O resultado não poderia ser pior. O Recanto das Emas tem hoje a maior invasão do Distrito Federal. O labirinto de 3 mil barracos de madeirite, que se espremem pelas quadras 601, 605 e 405, ganha até da Estrutural, em Taguatinga. A remoção será trabalhosa, na avaliação do Sistema de Vigilância Integrada do Solo (SivSolo). O governo não sabe onde alojar tanta gente e, por causa disso, a invasão será a última a ser erradicada. Não há nem data prevista para a derrubada.

E enquanto o tempo passa, a invasão ganha força. Vai virando uma minicidade. Há mercado, açougue e bar com nome da moda. E os vizinhos fizeram amizades. Transformaram o local. Criaram redes de gambiarra e de ligações clandestina de água potável. As mangueiras pretas que chegam até os barracos nem enterradas foram. Estão por toda parte, sobre as ruas esburacadas, por onde escorre a água suja.

Até uma nova associação de invasores surgiu. Já é a terceira no lugar. A mais recente, a Associação dos Moradores da Invasão da Área Verde (Asmiv), foi criada depois da passagem dos funcionários do Idhab, que marcaram os barracos com tinta e preencheram um cadastro socioeconômico das famílias. São 180 barracos novos, sobre a tutela da Asmiv, na quadra 601.

Como o governo não dá a resposta sobre o futuro da invasão, de 15 em 15 dias, as associações reúnem os moradores dos barracos para adiantar as novidades. E as informações são desencontradas. "Disseram que, até novembro, todo mundo sai daqui. Nem quero pensar nisso", diz Aparecida Rodrigues da Silva, 23 anos. O presidente da Asmiv, Josias



Wellington, Auxiliadora e filhos: "Está mais fácil o governo não nos dar nada"

Ferreira dos Santos, 31 anos, é mais pessimista. "A partir de julho já vão começar a mexer".

ESQUECIDOS

Julho ou novembro, não interessa. Dona Raimunda senta no banquinho de madeira, à porta do barraco, para pentear os cabelos maltratados, que vão esbranquiçando. Ela quer que o dia da derrubada não chegue nunca. A demora para a remoção só lhe deu felicidade. Foi tempo para as plantas da horta crescerem. Já dá para colher tomate, hortelã e chuchu. "Peço a Deus que me ajude a ficar aqui", confessa a nordestina de 49 anos.

Há três anos, Raimunda Alves Pereira trancou o barraco de barro em Itapecuru-Mirim, no Maranhão, e veio com a família para Brasília. Foi parar na invasão do Recanto das Emas em setembro do ano passado. "Não tinha nenhum desses barracos novos. Fui a primeira a chegar aqui", conta ela.

Pelo tempo que está no Distrito Federal, dona Raimunda está automaticamente fora da política habi-

tacional. Só tem chance de ganhar lote, quem morar há, pelo menos, cinco anos em uma das cidades do DF. Ela sabe disso e entristece-se toda vez que alguém lembra. "Sou feliz aqui. Tenho mais conforto que em Itapecuru-Mirim. Lá, passava fome demais."

Mas em busca do lote, ninguém desiste. Os invasores querem saber o que vai ser feito deles. A evangélica Maria José Araújo da Silva, de 31 anos, está na invasão há seis meses. Ficou sabendo da invasão pela televisão, quando morava num barraco emprestado pela sua igreja, Cristo é a Rocha, em Santo Antônio do Descoberto — cidade goiana a 44 quilômetros de Brasília.

Mãe solteira e desempregada, não pensou duas vezes. Pegou os filhos Igor, de três anos, e Jonas, de cinco, e mudou-se para a invasão. "Estou esperando no Senhor. Tomei a frente e localizei o que é meu", acredita a evangélica, que não está inscrita na lista do Idhab.

Outra invasão que vai ficando está em Samambaia. Cerca de 600

barracos espalhados pelas quadras 519, 509, 601 e 602 também estão previstas para as últimas derrubadas. Mas nem o administrador regional sabe quando será a operação de retirada. "O calendário quem faz é o SivSolo e a Sucar (Subsecretaria de Coordenação das Administrações Regionais)", afirma o administrador José Adenauer.

SEM LUGAR

O gerente do Sistema de Vigilância Integrada do Solo (SivSolo), coronel Jair Tedeschi, explica que não há lugar para alojar os invasores das duas cidades. "Estamos estudando para onde levá-los. Se para um lugar provisório ou definitivo", explica. Tedeschi só não sabe dizer como será feita a seleção dos invasores — daqueles que têm chances de ganhar lote e dos que estão fora dos critérios da política habitacional.

Mas há outro motivo. Em Samambaia, os invasores oferecem resistência. Não querem sair das invasões sem ganhar um lote. E inspiram-se na invasão da Estrutural. "Se for preciso brigar igual eles fizeram, vamos brigar. Com pneu queimado e faca", avisa Joaquim Soares dos Santos, 28 anos, que mora com os quatro filhos e uma irmã na invasão da QR 519. "Roriz chorou na campanha e prometeu a lua, as estrelas, o céu e a terra. Só que nós não queremos tudo isso. Só o teto para nossos filhos", diz o desempregado, que morava antes na invasão do Ceub, na Asa Norte.

"A gente veio pra cá, achando que o nosso lote ia sair logo. Mas com essa demora, está mais fácil o governo arrancar o nosso barraco e não nos dar nada", lamenta Wellington Ferreira Barros, 27 anos, que faz bicos de jardineiro para sustentar a mulher, Maria Auxiliadora, de 26, e os cinco filhos. Há cinco meses, ele vive na invasão da 519. "Não tenho mais nenhuma esperança no Roriz. Já fiquei esmorecido."